

A EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA “COSTURANDO A MEMÓRIA”: UMA BREVE ANÁLISE DO ESTUDO DE PÚBLICO NO MUSEU GRUPPELLI

RENATA BRIÃO DE CASTRO¹; BRUINA LUIZI MACHADO DURAN²; FABIANI GARCIA LEMOS²; MARIÂNGELA CRISTINA ALVES DOS SANTOS²; DIEGO LEMOS RIBEIRO³

¹Universidade Federal de Pelotas – renatab.castro@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas

³Universidade Federal de Pelotas – dirmuseologo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Localizado na Colônia Municipal (7º Distrito) de Pelotas, o Museu Gruppelli foi criado em 1998 por anseio da comunidade, por uma iniciativa da Prof.^a Neiva Vieira e do Fotógrafo Neco Tavares. Durante os primeiros dez anos, o Museu se manteve sem orientação técnica, sendo conservado apenas sob os cuidados da comunidade e de seus fundadores.

No ano de 2008 a Universidade Federal de Pelotas, por meio do Curso de Bacharelado em Museologia, recebeu o convite para então estabelecer uma parceria entre o Museu e a Universidade. A partir de então, iniciou-se o projeto de extensão “Revitalização Museológica do Museu Gruppelli: em busca de um museu etnográfico”, que deu partida a diversas ações com vistas a qualificar o espaço museológico, sobretudo no que tange à exposição.

Ao longo desses quatro anos, foi possível perceber o amadurecimento do Museu enquanto instituição, sem perder a referência com a dinâmica comunitária. Neste enfoque, nossa dinâmica de trabalho teve como referência a idéia de que “o desenvolvimento social é uma tarefa coletiva, que implica as comunidades, as famílias, as associações de maneira mais ou menos solidária” (Varine-Bohan, 2008, p.14)

Diante da concretização das primeiras atividades propostas – tais como: qualificação da exposição, sonorização do espaço, melhorias na iluminação, documentação do acervo, dentre outros – foi preciso definir novas frentes de trabalho e planejar ações futuras. A partir dessa reflexão, estabelecemos que, em cada semestre, seria realizada uma exposição temporária para compor com o discurso central do Museu, que se resume em: salvaguardar as memórias que orbitam os modos de vida e a dinâmica social, especialmente no que se refere ao trabalho e ao lazer da comunidade local.

A partir dessa prerrogativa, partimos então para a concepção da primeira exposição temporária. Diante de um número significativo de máquinas de costura em reserva técnica, e ao perceber que a profissão de costureira está perdendo força na colônia, foi pré-estabelecido que a exposição tivesse como tema principal a costura.

Por meio desta exposição seria possível criar um elo maior com a comunidade ao inserir vozes das costureiras ao discurso do museu. Essa exposição foi pensada a partir da seguinte premissa: estimular a memória em torno da costura, atividade esta que vem esmaecendo de forma acelerada na Colônia e cercanias, fundamentalmente em razão dos novos paradigmas impostos pela modernidade. Somado a isso, buscamos dinamizar as ações do museu, de forma a extroverter ao público os trabalhos e pesquisas que vêm sendo realizadas pela equipe do Museu.

Denominada de “Costurando a Memória”, a mesma permanece aberta ao público e, além de trazer ao visitante o hábito da costura na colônia, criamos meios para que este ajude a incrementar o acervo do museu por meio de depoimentos que relatam suas experiências com a costura.

2.METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste projeto foi necessário, em um primeiro momento, o mapeamento de costureiras da região; a partir disso, foram realizadas entrevistas com aquelas cujos nomes foram reiteradamente mencionados pela relevância dos seus trabalhos na região. Ancorados na premissa de que os objetos não são informação *per se*, mas suportes de informação (Ferrez, 1994), fizemos uso das entrevistas como estratégia de investigação, de sorte a revestir os itens do acervo de uma conotação simbólica, para além de sua materialidade aparente.

O processo de musealização adiciona ao objeto a qualidade de símbolo, de representação ou de conotação com algo que o transcende mas que nele materializa. Assim, a mensagem proposta pelo museu é mais do que um conjunto ou uma seqüência de objetos justapostos (Roque, 2010, p. 51)

Para incrementar o diálogo com o visitante, foi feito o uso de iconografia, de sonorização de máquinas trabalhando, de objetos autênticos que estavam em reserva técnica, de material de apoio e, nomeadamente, da escuta das falas das costureiras, que foram coletadas, editadas e disponibilizadas ao público. Buscamos com essa variedade de suportes de informação, propor uma reflexão sobre a relevância desta profissão na zona rural de Pelotas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com a montagem da exposição pode-se afirmar que um dos ganhos mais significativos foi o fortalecimento do elo com a comunidade, especialmente por meio da escuta dos depoimentos das costureiras. Convictos de que os objetos referentes à costura, sozinhos, não expressariam toda a sua significância, buscamos oferecer voz(es) aos referenciais de memórias.

Seguindo os pressupostos do Historiador Pedro Funari, compartilhamos da crença que “o tema central do trabalho didático do Museu Ativo consiste em transformar os consumidores de conhecimento em produtores (Funari, 1999, p.98). Incrementamos por este enfoque o potencial comunicativo do acervo, mas, sobretudo, tornamos os atores sociais partícipes do processo de elaboração do discurso expositivo.

Após a abertura da exposição, durante todo o tempo que a mesma ficou aberta à visitação, por aproximadamente 1 ano, foi disponibilizado aos visitantes um estudo de público. O objetivo deste estudo repousa na necessidade de avaliar como a informação disponibilizada foi recebida pela comunidade do entorno, assim como por visitantes das cidades do entorno e turistas. Ademais, o estudo pode ser considerado como uma fundamental ferramenta de escuta, de forma a sanar qualquer ruído informacional que venha a ser percebido pelo público, potencializando as nossas ações futuras, ao mesmo tempo em que possibilita reconhecer com quem estamos dialogando.

Compartilhamos com a Museóloga Marília Cury a percepção de que a avaliação de público tem como meta minimizar a assimetria entre museu e sociedade, de modo a equalizar um processo histórico que permeia diversas mídias de comunicação, como a construção de discursos unilaterais, impositivos e que pouco consideram o receptor como partícipe da ação comunicativa (Cury, 2005)

Em consonância com o Estatuto de Museus¹, seguimos um caminho alinhado à perspectiva museológica contemporânea que entende que:

“Os museus deverão promover estudos de público, diagnóstico de participação e avaliações periódicas objetivando a progressiva melhoria da qualidade de seu funcionamento e o atendimento às necessidades dos visitantes” (Estatuto de Museus)

Os referidos estudos de público estiveram disponíveis no mesmo ambiente onde estava a exposição e foram sendo preenchidos pelo público visitante. O questionário confeccionado pela equipe abordava questões fechadas, tais como, a idade, a cidade, como a pessoa ficou sabendo da exposição, quantas vezes já foram ao Museu Gruppelli, entre outras; o questionário contemplava também questões abertas para que as pessoas pudessem opinar sobre o que mais gostaram na exposição, sobre o que não gostaram e sugestões para melhorias.

A partir do preenchimento do estudo de público foi feita a avaliação e análise dos dados, a seguir compilados. Aproximadamente 50 desses questionários foram preenchidos.

No que se refere à idade a faixa etária mais significativa nos questionários foi entre 31 e 40 anos de idade. No que tange à localidade, 90% das pessoas que preencheram o questionário são da cidade de Pelotas.

Na pergunta sobre como as pessoas ficaram sabendo da existência do museu, 51% dos que responderam o estudo apontaram que souberam do museu através de reportagens, excursões e também através de outros visitantes, os outros 49% restantes ficaram sabendo do museu ao almoçar no Restaurante Gruppelli.

Sobre a percentagem das pessoas que retornavam ao museu, 40% das pessoas iam ao museu repetidas vezes e outros 60% estiveram na instituição pela primeira vez.

Um dos dados muito satisfatório para o museu e para equipe foi o fato de 100% das pessoas que responderam o questionário indicariam a visita à exposição temporária e ao museu para amigos e familiares.

Na questão que se refere ao que mais gostaram na exposição, 60% das pessoas ressaltaram que a exposição faz recordar a infância e a família, outros 20% destacaram o fato de conhecer o passado colonial.

¹ O Estatuto de Museus foi instituído pela Lei 11.904, em janeiro de 2009. A referida Lei versa sobre as políticas e normas que regem os museus brasileiros. Esta lei pode ser acessada no seguinte sítio: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm

4. CONCLUSÕES

Com a leitura e análise dos dados obtidos nos estudos de público, foi possível compilar alguns resultados e conclusões. Um aspecto importante de ser apontado é o fato de a visita de turistas a passeio na colônia ter sido a mais expressiva, e não de moradores da zona rural. Em nosso entendimento, isto demonstra, *a priori*, duas situações distintas: a primeira que a instituição está sendo bem recebida pelo público visitante externo à colônia; a segunda, por outro lado, indica que é necessário incrementar ainda mais a nossa atuação no entorno do Museu. Outro dado que nos chamou a atenção refere-se ao incremento da atuação da instituição: a metade das pessoas que acessaram a exposição foi motivada não apenas pela visita colonial (o almoço de domingo no restaurante), mas tiveram como foco a interação com o museu. Em nosso entendimento, isto demonstra que os esforços despendidos na divulgação da exposição, e do museu como um todo, estão gerando efeitos positivos.

Imbuídos da observação acima ressaltada, de que os moradores da colônia ainda visitam pouco o museu, nossa equipe vem se dedicando a conceber a nova exposição temporária do Museu Gruppelli, cuja temática será o futebol na colônia, dando ênfase ao Time Esportivo Boa Esperança – time de futebol da região onde esta localizado o museu. Almejamos com a nova exposição um maior diálogo com a comunidade, sobretudo com os jogadores e torcedores do time Boa Esperança, levando em conta que estes representam uma parcela bastante expressiva da comunidade no entorno do museu.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CURY, Marília Xavier. **Comunicação e pesquisa de recepção - uma perspectiva teórico-metodológica para os museus**. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, FIOCRUZ:COC, n. 3, p. 365-380, 2005.

FERREZ, Helena Dodd. **Documentação Museológica: Teoria para uma Boa Prática**. In: Estudos de Museologia. Caderno de Ensaios, n.2. Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, 1994, pp.65 -74.

FUNARI, P.P.A. **Considerações sobre o profissional de museu e a sua formação. Formação de Profissionais de Museus: desafios para o próximo milênio**, 1999.

ROQUE, M. Isabel Rocha. **Comunicação no Museu**. In: Saira Fassa Benchetrit; Rafael Zamorano Bezerra; Aline Montenegro Magalhães. (Org.). **Museus e Comunicação: exposição como objeto de estudo**. 01ed. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010, v.1, p. 47-68.

VARINE-BOHAN, H. **Museus e Desenvolvimento local: balanço crítico**. IN: **Museus como Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento**, Xingó: MAX, 2008.